

NARRATIVA E TEATRO EM MARGUERITE DURAS

Andréa Correa PARAISO¹

Na peça *L'Éden Cinéma*, de Marguerite Duras, narrativa e teatro entrecruzam-se e combinam-se na construção da ficção dramática. As didascálias iniciais dão indicações de cenário e de marcação e anunciam a narrativa: “Ce qui pourrait être dit ici l’est directement par Suzanne et Joseph. La mère — objet du récit — n’aura jamais la parole sur elle-même.” (Duras, 1977, p.12).

As personagens Suzanne e Joseph, voltadas para o público, narram. A história que contam é de sua mãe e deles próprios. A mãe, não nomeada na peça, mudara-se da França para a Indochina a fim de trabalhar no ensino colonial; casara-se e tivera dois filhos: Suzanne e Joseph. Viúva, tivera de trabalhar também como pianista em um cinema (*L'Éden Cinéma*). Investira todas as suas economias na compra de terras do governo da colônia, terras essas que viriam a revelar-se incultiváveis (eram periodicamente invadidas pelas águas do oceano), levando a mãe a passar o resto da vida a construir barragens contra o Pacífico, numa luta incansável, porém infrutífera, contra a injustiça de que fora vítima.

Ao longo da narrativa dos filhos, a mãe permanece calada e imóvel, como que congelada: “La mère est toujours là, immuable, elle écoute comme sans comprendre. Ils sont contre elle, couchés. Ils sourient toujours,” (Duras, 1977, p 17)

As personagens narradoras dirigem-se de forma direta a um público, destinatário da narrativa:

On vous demande d'être attentifs à ce que nous allons vous apprendre sur elle (Duras, 1977, p.18) (grifos nossos)

¹ Aluna do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

Qu'est-ce qu'elle a fait la mère?

Écoutez:

*Faute d'arriver à fléchir les hommes, la mère s'est
attaquée aux marées du Pacifique. (Duras, 1977, p.23)*

Em determinados momentos, cenas da narrativa são representadas. Nesses instantes, a mãe deixa seu silêncio e sua imobilidade e junta-se às demais personagens para encenar. As cenas representadas correspondem a uma presentificação do passado narrado. Ao longo da narrativa, a mãe permanece estática e calada, pois seu passado está sendo relatado, história já vivida, terminada. Nas cenas representadas, a mãe tem fala e movimento, pois sua história não mais está sendo simplesmente narrada, mas revivida, presentificada, representada. E o metateatro salta aos olhos nessa peça que reflete sobre o próprio fazer teatral: “La mère, donc, se prête, vivante, à la mise en scene de sa mort.” (Duras, 1977, p. 151)

A peça compõe-se, pois, de uma narrativa da qual determinadas cenas são representadas. A encenação (cenas representadas) insere-se na narrativa, que, por sua vez, insere-se na encenação (peça como um todo). Trata-se de narrativa dentro do teatro e teatro dentro da narrativa.

Segundo Barco e Burgess (1988), o gênero dramático cede a palavra às personagens, sem que geralmente intervenha o prisma de um apresentador equivalente ao narrador romanesco. Ora, o que se vê em *L'Éden Cinéma* é justamente o contrário do que se espera de uma peça de teatro. Ao invés de personagens dialogando entre si, “agindo” o tempo todo, tem-se Joseph e Suzanne voltados para o público, narrando. Assim como no romance, há narradores, e as falas das personagens são como que introduzidas por esses narradores. O que ocorre, pois, em *L'Éden Cinéma*? Uma inversão do fenômeno teatral? Dentro da economia da peça, a narrativa ocupa um espaço maior do que o do diálogo dramático? Na verdade, não se pode deixar de considerar que a narrativa também é diálogo dramático, pois é fala de personagens. Suzanne e Joseph, os narradores, são também personagens, e o são em dois níveis. São personagens da própria narrativa que constroem e da peça teatral como um todo. *L'Éden Cinéma* estrutura-se em dois níveis diferentes: o da construção da narrativa e o dos acontecimentos narrados, no qual se inserem as cenas representadas. No nível da construção da narrativa, Suzanne e Joseph são personagens da peça como um todo que narram suas vidas e a da mãe. No nível dos fatos por eles narrados, são personagens desses mesmos fatos. A narrativa que irrompe no teatro é também diálogo teatral, e os narradores que a enunciam são personagens da peça e da própria narrativa.

M. Issacharoff, em seu livro *Le spectacle du discours* (1985), trata, entre outras questões ligadas ao teatro, do espaço dramaturgico, ai distinguindo o espaço cênico ou mimético e o espaço extracênico ou diegético;

L'espace mimétique est transmis sans médiation; l'espace diégétique, tout au contraire, est médiatisé par les signes verbaux (le dialogue), communiqué donc verbalement et non visuellement. (Issacharoff, 1985, p. 69)

O espaço mimético diz respeito ao que é **mostrado** no palco, enquanto o espaço diegético restringe-se ao que é **narrado** em cena, referido no discurso das personagens.

Em *L'Éden Cinéma* ocorre um cruzamento de espaços. A peça como um todo pode ser considerada como espaço mimético, uma vez que engloba o conjunto da representação. A narrativa de Suzanne e Joseph constitui o espaço diegético, e as cenas representadas que nascem da narrativa pertencem ao espaço mimético. Cabe considerar que, ocupando a narrativa de Suzanne e Joseph a maior parte da peça, é particularmente grande o espaço digético em *L'Éden Cinéma*. Trata-se de uma peça de teatro que contém uma narrativa no interior da qual há cenas representadas. Suzanne e Joseph constroem, dentro da encenação, uma narrativa, que originará novas encenações. O espaço mimético (a peça como um todo) engloba o diegético (narrativa de Suzanne e Joseph), que engloba o mimético (cenas representadas).

Issacharoff (1985), ao falar das didascálias, assinala que o texto teatral é **estereofônico**, pois comporta uma dupla enunciação: a do dramaturgo e a dos atores. Do ponto de vista da leitura, o texto teatral comporta uma camada principal, destinada a ser dita no palco, e uma camada secundária (as didascálias), frequentemente subordinada à primeira. Destinatadores e destinatários são diferentes nas duas camadas. Tudo o que dizem os atores, segundo Issacharoff, corresponde a enunciados emprestados de um arqui-enunciador, o autor. Entretanto, se no diálogo o autor cede a outrem seu papel de enunciador, sua voz continua presente, ainda segundo Issacharoff, nas indicações cênicas, nas didascálias. Os destinatários dessa “voz do autor” são múltiplos: diretor, atores, leitores...

Em *L'Éden Cinéma*, as didascálias, além de comentarem o texto pronunciado e de fornecerem indicações cênicas, instituem os narradores e explicitam a delegação de voz, do arqui-enunciador para as personagens que

narram: “Ce qui pourrait être dit ici l’est directement par Suzanne et Joseph”. (Duras, 1977, p.12)

Esse trecho das didascálias iniciais, além de instalar narradores, explicita o intrecruzamento dos espaços mimético e diegético e revela o processo de construção da peça, edificada nos níveis da narrativa e da representação. A frase funciona, pois, como marca do metateatro, da consciência do fazer teatral revelada nessa peça.

Anne Ubersfeld, em seu livro *Lire le théâtre* (1978), distingue, no interior do texto teatral, duas camadas textuais distintas: uma que tem por sujeito da enunciação imediato o “autor” e que engloba a totalidade das didascálias, e outra que compreende o conjunto dos diálogos e tem por sujeito mediato uma personagem. Há, pois, no teatro, uma dupla enunciação: o conjunto do discurso teatral constitui-se de dois subconjuntos:

- a) um discurso relator, cujo destinador é o que Ubersfeld chama de “scripteur”;
- b) um discurso relatado, cujo locutor é a personagem.

Há um processo de comunicação entre o “scripteur” e o público, e no interior desse processo há um outro entre as personagens.

Em *L’Éden Cinéma*, a dupla enunciação teatral se desdobra. Há um processo de comunicação entre o “scripteur” e o público; no interior desse processo há um outro entre as personagens-narradoras e o público, e no interior desse há ainda um outro entre as personagens. O conjunto do discurso teatral, na peça que analisamos, não se constitui de dois subconjuntos, mas de três:

- 1) um discurso **relator**, cujo destinador é o “scripteur” e cujo destinatário é o público;
- 2) um discurso ao mesmo tempo **relatado e relator**, cujos locutores-destinadores são as personagens narradoras e cujo destinatário é o público;
- 3) um discurso **relatado** cujo locutor-destinador é uma personagem e cujo destinatário é outra personagem nas cenas representadas. Não se pode, contudo, deixar de considerar, que mesmo este último subconjunto tem também como destinatário o público, uma vez que faz parte da totalidade da peça.

Na verdade, o que ocorre é um desdobramento do subconjunto do discurso de personagens. Ora, em *L’Éden Cinéma* há dois níveis de discurso

de personagens: a narrativa de Suzanne e Joseph e os diálogos das cenas representadas. Na peça em questão, a linguagem narrativa encontra-se inserida na linguagem teatral.

Se, como afirma Anne Ubersfeld (1978), o diálogo teatral é um englobado no interior de um englobante, então, em *L'Éden Cinéma* há dois englobantes e dois englobados. A totalidade do discurso da peça engloba a narrativa dos dois irmãos, que engloba as cenas representadas. Ou seja, a fala dos narradores engloba a fala deles mesmos (enquanto personagens das cenas) e das outras personagens nas cenas representadas. O "scripteur", enunciador do discurso teatral, "arqui-enunciador" se utilizarmos a terminologia de Issacharoff (1985), é o responsável pela totalidade da peça, incluindo as didascálias. Joseph e Suzanne são personagens dessa peça e, ao mesmo tempo, enunciadores de uma narrativa que se constrói dentro dela. São sujeitos do narrar, aos quais o arqui-enunciador delega voz e que, enquanto narradores, subdelegarão voz às personagens nas cenas representadas.

Esses diferentes níveis nos quais se estrutura *L'Éden Cinéma* evidenciam o próprio processo de construção da peça, enfatizando o fazer teatral. A narrativa integra a peça de maneira a permitir uma reflexão sobre diferentes linguagens: a da narrativa e a do teatro. *L'Éden Cinéma* chega a aproximar-se do romance à medida que cede um lugar privilegiado ao diegético e apresenta narradores, elementos próprios da linguagem romanesca. Mas esses narradores são, antes de tudo, personagens de teatro, e sua narrativa é, antes de mais nada, diálogo dramático, discurso teatral. O que ocorre na peça de Marguerite Duras é, pois, a inserção da linguagem narrativa no discurso teatral, permitindo refletir sobre as várias maneiras de se compor a ficção.

Referências bibliográficas

- BARKO, I., BURGUESS, B. *La dynamique des points de vue dans le texte de théâtre*. Paris: Lettre Modernes, 1988.
- DURAS, M. *L'Éden cinéma*. Paris: Mercure de France, 1977.
- ISSACHAROFF, M. *Le spectacle du discours*. Paris: Librairie José Corti, 1985.
- UBERSFELD, A. *Lire le théâtre*. Paris: Éditions Sociales, 1978.